

“EDUCAÇÃO INDÍGENA”: AS VOZES GUARANI SOBRE A ESCOLA NA ALDEIA

VIEIRA, Ismenia de Fátima –UFSC

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

O presente trabalho é parte de minha dissertação de mestrado, em desenvolvimento. Trata-se de um estudo de caso na Aldeia Indígena Yynn Moronti Wherá em Biguaçu/SC, que investiga as vozes Guarani¹ sobre a escola na aldeia. Busca discutir, as falas Guarani sobre os significados atribuídos à escola na aldeia para a construção do currículo, problematizando as vozes das crianças, jovens, adultos e lideranças para compreender o que preconizam para a escola, suas relações e seus anseios na construção da escola específica, diferenciada, bilingue e intercultural. A abordagem metodológica de natureza qualitativa apoia-se nas observações, entrevistas, desenhos das crianças, e diário de campo. Os resultados vêm apontando para o sentido de que a escola mesmo não sendo da sua cultura, é admitida pela necessidade de conviver com os não índios, partindo do domínio da língua portuguesa para fortalecer sua luta pela terra para viver bem e preservar as crianças das interferências da cultura envolvente reforçando os traços culturais Guarani concebendo a escola intimamente ligada à religião.

No estado já existiam escolas nas aldeias criadas e orientadas pelos órgãos de proteção aos índios. Somente a partir dos anos 60 o governo do estado cria por decreto, em 1963, as primeiras escolas indígenas, de forma regular na rede estadual de ensino.

Nos anos 70, SANTOS (1975:58), desenvolveu uma pesquisa na região sul, e constatou que a FUNAI mantém escola em todos os postos indígenas, dando continuidade a prática tradicional do antigo SPI. Todas essas escolas “(...) obedecem ao padrão da escola isolada do ambiente rural brasileiro. (...) Um professor pode dar aulas para todos os alunos, independente de seu grau de adiantamento ou diferenciação de idade, ao mesmo tempo.”

¹ O nome de etnias no singular e maiúscula segue convenção da ABA, 1951.

No ano 2000, FERRI (2000: 120), afirma que: a situação das escolas indígenas no Estado de Santa Catarina permanece inalterada e que das 24 escolas existentes em 1997, 23 trabalhavam em regime de classes multisseriadas e em 1999 das 26 escolas existentes 24 continuavam com a mesma organização. Afirma ainda que: “ (...) constata-se que as escolas indígenas em funcionamento no Estado de Santa Catarina, excetuando a questão da língua indígena, têm no formato dos programas, no sistema de seriação, no rol de conteúdos mínimos, na organização espaço-temporal, na hierarquia entre professores e orientadores, a marca da escola padrão”.

Atualmente, as escolas na sua maioria ainda adotam o sistema multisseriado, apenas três das 27 existentes oferecem ensino fundamental completo e uma delas também o ensino médio. A partir de 1998, é oferecida a educação de jovens e adultos. No que se refere a escola Guarani que atualmente são seis, tudo indica que aconteceram avanços na sua concepção. Os educadores indígenas vêm participando do “Programa de formação para educação escolar indígena guarani da região sul e sudeste do Brasil” que vem possibilitando a reflexão sobre a organização escolar.

A Secretaria de Estado da Educação (SED/SC) assumiu, a partir de 1993, a gestão educacional das escolas indígenas através da Comissão Estadual de Educação, criada pela Portaria nº16207/93. Em 1994 é estruturado o Núcleo de Educação Indígena (NEI/SC) “responsável por propor diretrizes educacionais e executar ações com a finalidade de efetivar uma proposta de educação que contemple os princípios da especificidade e diferença, interculturalidade e diferença” (PC/SC,1998).

Foram criadas as escolas Guarani nos anos de 1995 a Escola Indígena Ka.akupé, em 1996 a Escola Indígena Itaty, ambas no município de Palhoça/SC e em 1998 a Escola Indígena Yynn Moronti Wherá, hoje com nome de Escola Indígena Wherá Tupã Poty Djá.

Como educadora, funcionária da Secretaria de Estado da Educação, encarregada de acompanhar as atividades pedagógicas dessas escolas desde 1996, venho discutindo com

educadores indígenas, com comunidades indígenas juntamente com o NEI/SC a construção de uma escola específica, intercultural, bilingüe e diferenciada para o povo Guarani.

Nos primeiros encontros regionais, os educadores Guarani assim se referiram sobre a escola: “estamos começando agora a nos interessar pela escola, queríamos sempre esconder a nossa cultura. Sabemos que não podemos mais viver como antigamente, não tem mais as matas e precisamos comprar as coisas dos brancos e para isso queremos que as crianças saibam ler e escrever bem a língua guarani e a língua portuguesa.” “Agora tem que trabalhar e fazer compra na cidade” afirma um dos professores. “Como também fazer contas e conhecer o dinheiro. Precisamos estudar a cultura do branco e fazer a nossa história”.

Nessa caminhada muitas dúvidas e indagações se apresentavam e aumentavam em cada discussão, em cada reunião, em cada curso com os educadores, tais como: O que querem para sua escola? Por que querem escola na aldeia? Qual o currículo mais adequado? Como acontece a educação das crianças nas aldeias? Quais as relações dos Guarani com a escola na aldeia?

Na busca de respostas às indagações e dúvidas, centrei o olhar nas vozes desse povo sobre a escola na aldeia.

Os Guarani reforçam sua língua na oralidade, sua visão de mundo passada de geração a geração. Assim mantêm sua comunicação entre os povos de maneira brilhante, pela sua característica de migração, na busca da terra sem males. A palavra para eles têm um significado ímpar. Preocupam-se ao pronunciá-la, utilizam entonações para dar ênfase e o devido valor ao que estão pronunciando. Pensam muito antes de falar, procuram a palavra certa a ser dita para não desperdiçar. Quando participam de discussões com os não índios ficam perturbados pela forma com que jogam as palavras fora sem refletir sobre elas. Para eles a palavra oral só se torna escrita quando o índio se utiliza do “Petyngua” (cachimbo) instrumento indispensável nas cerimônias religiosas.

É desta maneira que a educação vem sendo construída por um sistema de trocas. O saber da comunidade torna-se o saber desenvolvido na escola, e que ao mesmo tempo se relacionam com a sociedade envolvente, numa troca entre pessoas e grupos sociais. Assim, penso que nas sociedades indígenas o poder da

palavra é que os move para a preservação de sua cultura, para se colocarem no mundo dos não índios, para resistirem e manterem as suas organizações sociais.

Com a educação exercida no seio da aldeia há espaço para a luta política que se realiza no domínio da cultura. Uma luta popular sem fim. Os grupos indígenas se mostram para a cultura que os dominam através da própria cultura, do trabalho produzido pela arte, da dança e sua música, objetivando a busca de sua liberdade, da preservação da sua língua, da sua organização social e de seu sistema de vida. Mostram o seu jeito de ser e imprimem um respeito.

Os Guarani da Aldeia Yynn Morontí Wherá buscam espaços de práticas políticas populares e reforçam a resistência para manterem as suas práticas culturais vivas. Se utilizam do coral que canta músicas sagradas milenares entoadas de geração após geração lembradas da infância do líder religioso respeitado pelos Guarani, Alcindo (Werá Tupã). Com o Coral Yvytchi Ovy (Nuvens Azuis) cantam a fé de seu povo e realizam apresentações em eventos.

Reforçam a sua resistência também se utilizando do artesanato. Esculpem animais silvestres na madeira representando a natureza desejada. Os cestos de palha variados e coloridos, chamam a atenção para a arte Guarani, imprimem um sentido religioso no seu fazer, produzem formas e modelos adaptados às necessidades dos clientes. Com colares e brincos criativos de acordo com a moda do não índio produzem para a demanda de mercado. O pau de chuva e chocalhos instrumentos sagrados para seus rituais tornam-se instrumentos de percussão nas mãos de seus clientes não índios. Os arcos e flechas não mais para caçar os animais mas, para enfeites nas paredes das casas dos não índios. Todos com significados culturais mostram a sua arte que se tornou um meio de sobrevivência. Vendem o artesanato para comprar alimentos para o sustento de seus familiares. Divulgam a sua cultura e se mostram à sociedade não índia como um povo que está vivo, presente com as suas diferenças e se identificando como índios guarani e brasileiros. Valorizando assim a sua cultura.

Os mais velhos têm um papel importante para o povo Guarani, é por ele que a educação tradicional é socializada. O conhecimento popular é assimilado pelas crianças no seu meio social sem precisar da escola para ensiná-los, à

escola cabe socializar o conhecimento científico e universal. A escola na aldeia não seria necessária porém, é admitida pela necessidade da convivência com a cultura envolvente e para preservar as crianças das influências culturais dos não índios. Surge a necessidade de dominar a língua portuguesa como instrumento político na luta pela terra suficiente para “viver bem”.²

Por isso, movimentos indígenas com o apoio de grupos organizados da sociedade civil conquistaram o direito à escola indígena específica, diferenciada, intercultural e bilingüe. O direito de constituir uma escola com processos próprios de ensino e aprendizagem. A questão agora é: como o povo Guarani poderá exercer esse direito de participar e decidir sobre a educação oferecida na escola da aldeia?

Considero a educação tradicional na aldeia como um elemento de luta e resistência frente aos dominantes para manutenção de sua cultura. Quando na atualidade solicitam escola na aldeia específica e diferenciada é também com o mesmo objetivo. Esse povo considera que se as crianças freqüentarem a escola do “branco” elas correm o risco de perder a sua cultura tradicional.

A educação indígena é um esforço de se fazer um trabalho educativo em conjunto, num coletivo de debates sem perder a especificidade. Para os Guarani a educação e religião estão intimamente ligados. É na “opy” (casa de reza) que acontece a mais importante socialização dos conhecimentos, é através dos cantos, danças, orações e rituais que envolvem o coletivo da aldeia que eles mantêm viva a cultura e buscam reforçar a própria identidade. É nos rituais de nomeação das crianças, no respeito aos ensinamentos do Karaí e principalmente a fé em nhanderu (Deus) que mantêm a sua tradição. Segundo depoimentos, a escola na aldeia é como a segunda *opy*.

Espero que esse estudo possa apontar prováveis subsídios para a implementação de políticas públicas que visam a garantia do direito as diferenças culturais do povo guarani, para a elaboração dos currículos das escolas indígenas

² Expressão utilizada por um guarani que significa ter uma terra com uma boa água, mata para coletar alimentos, medicamentos e material para a construção de suas casas.

Guarani, para a formação de educadores contribuindo para exercerem o direito a escola específica pensada por eles.

Referência Bibliográfica

FERRI, Cássia. **Gênese de um currículo multicultural: Tramas de uma experiência em construção no contexto da educação escolar indígena.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Educação e Sociedades tribais.** Porto Alegre/RS: Editora Movimento, 1975

SANTA CATARINA: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular : Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares** Florianópolis: COGEN, 1998.